

Ipea revê crescimento para 3,8%

Mariana Carneiro

A força dos investimentos no primeiro trimestre motivou a mudança para cima nas projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para a economia brasileira este ano. O instituto elevou a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,4% para 3,8%. E de investimentos, de uma expansão de 5,8% em março para 7,8% agora.

Os investimentos foram um dos principais fatores que levaram o Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas no país) a crescer 1,4% no período na comparação com o trimestre anterior. Depois de uma expansão desse item de 9% nos primeiros três meses do ano

Para economistas do instituto, BC tem espaço para corte na taxa básica de juros

– frente ao mesmo período do ano passado – o Ipea prevê alta de 7,8% no segundo trimestre, 10,2% no terceiro e 4,3% no último período do ano.

A indústria será o motor do crescimento, com 5,3% de expansão, seguida de serviços (2,7%). O setor agrícola, em crise, terá expansão, segundo o Ipea, de 2,5%. Para o instituto, o PIB deve se comportar mais timidamente no resto do ano e crescer menos nos trimestres seguintes (1,2% no segundo), 1,1% no terceiro e 0,9% no quarto.

– O efeito da queda da taxa básica de juros e da expansão dos gastos do governo contribuirão menos para o impulso da economia – avalia

Paulo Levy, coordenador do grupo de conjuntura do Ipea.

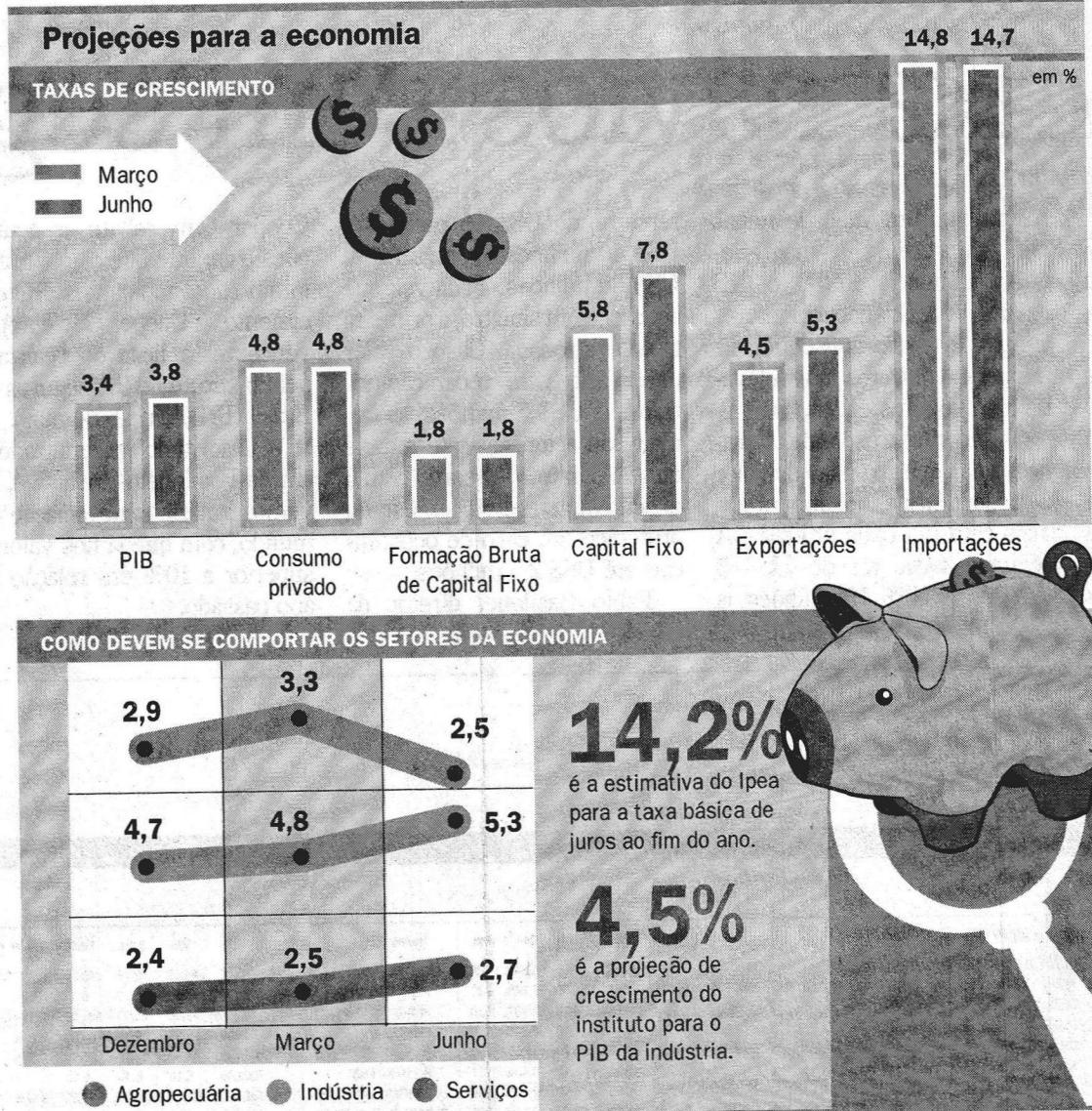
A utilização da capacidade instalada e a inflação sob controle – que deve ficar abaixo da meta de 4,5% no período de 12 meses em breve, segundo estima Fábio Giambiagi, economista do Grupo de Acompanhamento Econômico do Ipea – dão margem para que o Comitê de Política Monetária (Copom) reduza a taxa de juros na próxima reunião, em 18 e 19 de julho. Atualmente, a taxa está em 15,25% ao ano.

Segundo o economista, o nível de utilização da capacidade está três pontos abaixo do pico registrado no fim de 2004 – quando o BC começou a elevar a taxa básica de juros. Já a inflação, segundo Giambiagi, tem sido influenciada pelos Índices de Preços do Atacado, afetados pela deflação nos agrícolas.

A estimativa do Ipea é de que a taxa básica de juros chegue ao fim do ano em 14,2%. Segundo Giambiagi, uma análise no mercado de títulos prefixados (LTN) com vencimento e 12 meses, percebe-se uma resistência em aceitar uma taxa abaixo de 14%.

– Isso dá margem para que o BC corte as taxas até este nível. Para além, será necessária uma definição sobre o que será feito da economia no ano que vem e a agenda de reformas a ser recuperada – diz Giambiagi.

Fator que também é fruto de preocupação em relação ao futuro é o gasto do governo central. Segundo o Ipea, os gastos com pessoal cresceram 7,9% até abril. Até o ano passado, a média era de pouco mais de 3%. Já os gastos com liberações e Loas (previdência para zona rural) cresceram 11,1%. Segundo os economistas, o efeito é natural em ano de



14,2%

é a estimativa do Ipea para a taxa básica de juros ao fim do ano.

4,5%

é a projeção de crescimento do instituto para o PIB da indústria.

Fonte: Ipea

ARQUIVO

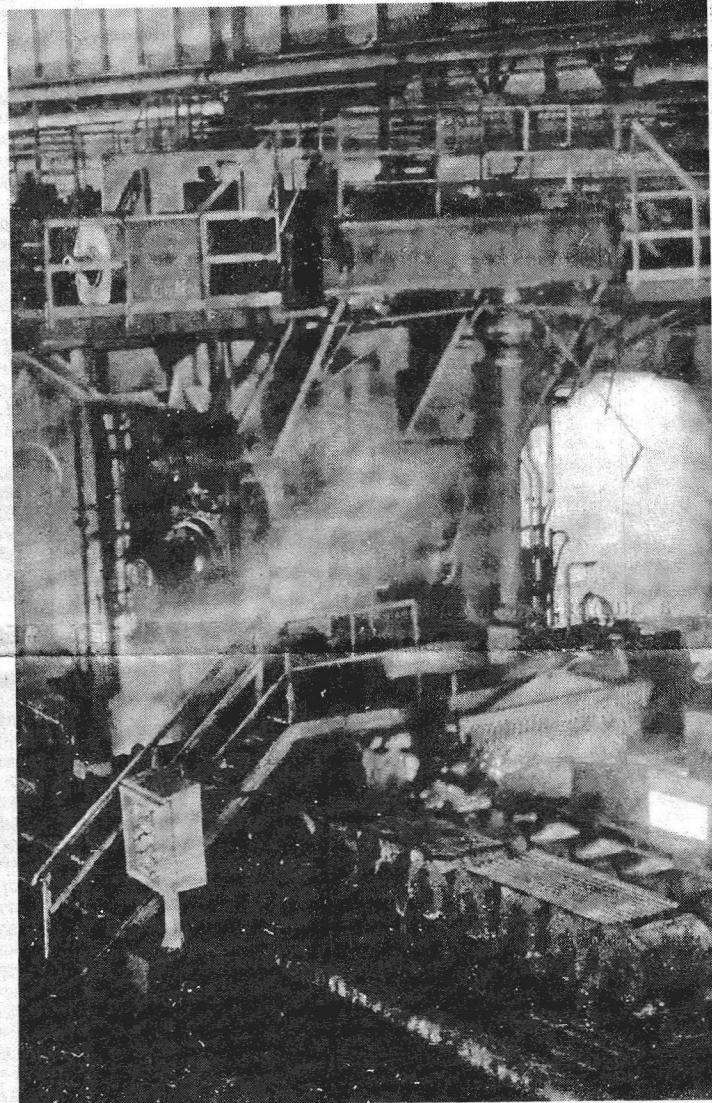
“Será necessária uma definição sobre a economia e a agenda de reformas no ano que vem

Fábio Giambiagi,
economista

eleição.

– A redução nos gastos com pessoal dava margem ao crescimento das demais despesas, como as previdenciárias. Com ele também em alta, vira um problema – alerta Giambiagi.

Mas para Paulo Levy haverá uma redução na evolução dos gastos a partir de agora, uma vez que o governo não pode contratar serviços às vésperas da eleição, o que fará com que o superávit primário feche o ano na meta estabelecida (4,25% do PIB), portanto, abaixo do ano passado. Em 2005, embora a meta fosse a mesma, o executado pelo governo foi próximo de 5%.



Indústria vai ser motor de crescimento, diz Ipea